



Volume II, número 2, jul-dez, 2021, pág.231-254.

NOS DÊ LICENÇA PRA NÓS ENTRAR: A FESTA DOS PÁSSAROS DO MOCAMBO DO ARARI – PARINTINS (AM)

Josivaldo Bentes Lima Júnior

Francisco Geraldo Caldeira de Souza

RESUMO

O Festival do Mocambo do Arari, agrovila de Parintins - AM, criado em 2004, é hoje, uma das grandes manifestações populares do Amazonas, atraindo visitantes da cidade de Parintins e regiões próximas, com a participação de bois-bumbás, quadrilhas e cordões de pássaros. O artigo analisa a festa dos pássaros Jaçanã e Pavão Misterioso, a sua prática viva, em uma perspectiva histórica e antropológica. Procuramos tecer reflexões sobre quem organiza a festa que possui mais de 50 anos de histórias, bem como o ritual apresentado no Mocambodromo, por meio de uma apreensão etnográfica. As considerações fazem parte da pesquisa mestrado, realizada entre os anos 2017 e 2019, que potencializaram problematizações acerca da cultura modo de vida e de luta na recriação de direitos. Neste sentido, ancorado pelos estudos culturais e também embasado na história oral, procuramos compartilhar as vozes dos sujeitos sociais que participam da festa. Conclui-se que as estratégias de resistência pela sua manutenção da festa evidenciam os aspectos do cotidiano, as memórias e os anseios dos envolvidos, que lutam pela cidadania cultural, momento em que reafirmam suas identidades.

Palavras-chave: Cordões de Pássaros. Mocambo do Arari. Memória. Identidade

ABSTRACT

The Festival of Mocambo do Arari, agrovila of Parintins – AM, created in 2004, is today, one of the great popular manifestations of Amazonas, attracting visitors from the city of Parintins and nearby regions, with the participation of “bois-bumbás”, “quadrilhas” and “cordões de pássaros”. The article analyzes the “Jaçanã” and “Pavão Misterioso” bird festival, its living practice, from a historical and anthropological perspective. We tried to make reflections about who organizes the party that has more than 50 years of stories, as well as the ritual presented at the Mocambodromo, through an ethnographic apprehension. The considerations are part of the master's research, carried out between the years 2017 and 2019, which potentiated problematizations about the way of life culture and the struggle in the recreation of rights. In this sense, anchored by cultural studies and also based on oral history, we tried to share the voices of the social subjects who participate in the party. It is concluded that the strategies of resistance for their maintenance of the party highlight the aspects of daily life, the memories and the yearnings of involved, who fight for cultural citizenship, a time when they reaffirm their identities.

Keywords: Cordões de pássaros. Mocambo from Arari. Memory. Identity



Introdução

A agrovila São João é sede do distrito do Mocambo do Arari, no município de Parintins, no Amazonas. Organizada em comunidade pela Congregação Mariana, em 1964¹, a localidade é bastante conhecida devido ao Festival Folclórico realizado desde 2004, no qual participam os cordões de pássaros, os bois bumbás e as quadrilhas - realizado no último final de semana de julho. Para chegar à localidade, é necessário passar por três a seis horas de viagem para superar os 60 quilômetros que a separam da cidade de Parintins.

Os registros da presença dos pássaros na região apontam para o ano de 1952, por ocasião de trabalhadores oriundos da cidade de Maués, no Amazonas, com notoriedade o pássaro Jaçanã que, segundo os moradores mais antigos, era a única diversão do lugar. Jaçanã e Pavão Misterioso, os cordões de pássaros do Mocambo do Arari, tem uma história de luta e resistência. Em 1994, essas brincadeiras e os bois-bumbás foram impedidas de dar continuidade às suas apresentações nos festejos do santo padroeiro. Os pássaros e os bois-bumbás² foram considerados profanos pela igreja católica, portanto, não podiam se apresentar no arraial em homenagem a São João (GOMES, 2017; LIMA JÚNIOR, 2019; SANTOS, 2020).

Após uma década, os pássaros voltaram a brincar na comunidade em forma de disputa, apresentando-se no Festival Folclórico do Mocambo do Arari, na arena denominada de “Mocambodromo”³, uma adaptação ao “Bumbódromo”, de Parintins. No entanto, os bois ganharam maior visibilidade, inclusive no que se refere ao apoio financeiro da prefeitura de Parintins. As narrativas mais comuns são de que os pássaros deixaram de ser prioridade do poder público, e o conseqüente desinteresse dos mais jovens. Como enfrentamento, ao longo dos mais de 50 anos de existência, há

¹ Os moradores mais antigos moravam nas chamadas cabeceiras, nas áreas de várzea e na chamada boca do Mocambo. No Mocambo do Arari foi criada a “Congregação Mariana, em 17 de abril de 1964. Outra versão cita 24 de junho de 1964 como a data de fundação da comunidade de São João do Mocambo, tendo como presidente Antônio dos Anjos Nogueira (CERQUA, 2009, apud GOMES, 2017).

² Na década de 80, brincavam na comunidade os bois Garantido e Caprichoso, na versão local, levados pelo senhor Estrogildo Silva, artesão parintinense que casou e foi morar na localidade.

³ Optei por manter a grafia da palavra, como usado pelos moradores para se referir ao Centro Cultural Vitor Mendonça, arena de apresentação das agremiações do Festival do Mocambo.



articulações de solidariedade como forma de manter a festa como direito à memória e à cidadania.

A cultura e experiência das festas no Mocambo evidenciam a trajetória social de memórias que dialogam e resistem em amplo espaço histórico, eventualmente se rearticulando mais longe, ou aí fortalecendo seus fazeres e saberes, quando em outros campos a correlação de forças parece mais desfavorável.

A comunidade do Mocambo, ao longo do tempo, foi construindo e reconstruindo a festa dos cordões de pássaros. É por meio das apresentações durante o festival que as pessoas contam a história da comunidade, que os participantes da festa experimentam suas representações cotidianas, revalorização de suas práticas e saberes culturais que os valores exaltados com a modernidade são exatamente opostos àqueles que dão sentido à festa. São experiências de resistências de sujeitos sociais, moradores de comunidades rurais, quando as pesquisas em história ainda necessitam reconhecer personagens que se organizam e recriam direitos com base nos costumes (THOMPSON, 1998). Neste sentido, diversificar noções de memória e história permite surpreender patrimônios em pedagogias performativas, reconhecer que populares produzem representações e lidam com suas diferenças, tendo muito a dizer (ANTONACCI, 2016).

Para construir as narrativas, história oral foi o caminho imprescindível para tentar aprender um pouquinho mais. Afinal, são experiências de igualdade que se concretizam quando o historiador passa a dar ouvidos a conhecimentos que ele não possui (PORTELLI, 2010). Também busquei utilizar a etnografia como meio de analisar a festa sobre a perspectiva antropológica - reconhecer a festa em seu papel político - para conhecer os modos de vidas e aspirações, em uma consciência que se adquire no cotidiano por sujeitos sociais e identificada pelo investigador por meio de um olhar de perto e de dentro (MAGNANI, 2002).

Por fim, é na imagem dos cordões de pássaros que a comunidade conta a sua história, faz sua representatividade por meio destas figuras, compartilhando com os visitantes o dia a dia daquele lugar evidenciado no dia da festa. Assim, a cultura pode ser uma forma de autonomia política e de orgulho, geralmente ocultados nas análises históricas e outros.



No coração do Amazônia: Jaçanã e Pavão Misterioso

A história dos cordões de pássaros se entrelaça com a dos antigos cordões de bichos que se popularizaram no interior do estado do Pará e na capital, Belém. No período junino, as festas apresentavam seus personagens (o pássaro, ou outro animal, a fada, o amo, o caçador, feiticeira, matutos, pajé ou curandeiro etc) no auto dinâmico que traduz a força do imaginário amazônico e as demais referências que constituíram os códigos visuais desse folguedo. Cada personagem se recria numa realidade fabular e não real, caracterizando o lúdico e o brincante neste teatro popular.

Os primeiros registros, segundo Salles (1994, p. 351) remontam ainda ao século XIX:

Os pássaros que se associaram tão intimamente aos bois, constituíam folguedo com estrutura diferente e muito cedo tomaram a feição de teatro popular. Sua origem recua, provavelmente, aos cordões de bichos que se exibiam em meados do século passado [XIX] no Pavilhão da Flora, no largo de Nazaré. Também se constituíram de grupos ambulantes, mas cedo, como as pastorinhas, por exigências talvez de sua própria estrutura, tornaram-se estáveis, fazendo seu aparecimento na véspera de São João e exibindo-se em tablados próprios, ou em cinemas, teatrinhos de bairros, circos ou nos parques cedidos pela Prefeitura, nestes se associando, quase sempre, aos bois-bumbás.

O teatro dos cordões de bichos e pássaros era bastante popular nas primeiras décadas de século XX. Contudo há poucos estudos sobre os cordões de bichos e pássaros. Assim, uma importante referência do tema é Carlos Eugênio Moura, em sua obra *O teatro que o povo cria*, em 1997, que se dedica a estudar a história do teatro popular do Pará.

Para o mesmo autor, mesmo com as formas de repressão policial e a indiferença da elite evidenciada na imprensa local, os cordões de bichos e pássaros estavam em plena atividade entre 1910 a 1950. Contudo, destaca o autor que a falta de apoio público fez com que muitos bichos e pássaros desaparecessem, pois os guardiões - como eram chamados os organizadores da festa - não conseguiram manter a festa devido aos custos financeiros (MOURA, 2017).

Em Parintins, Raimundo Dutra registra a presença do pássaro Tucano, em 1906, uma brincadeira criada pelo senhor Marçal Mendes e sua esposa para alegrar a



cidade de Parintins, a pedido de Furtado Belém, prefeito da época. Portanto, a festa do pássaro Tucano seria primeira festa ou dança da cidade de Parintins (DUTRA, 2005).

Ainda em Parintins, encontrei registros sobre a dança dos cordões de pássaros e bichos. Tonzinho Saunier relata que entre 30 e 60 dançavam pelas ruas os pássaros: “rouxinol”, o “bem-te-vi”, a “gaivota”, o “guará” e o “tangará”. Já sobre os bichos, o destaca o tambaqui, peixe famoso da Amazônia. O autor ainda cita que muitas dessas brincadeiras vinham da zona rural, como da região do rio Uaicurapá (SAUNIER, 2003). Assim, a escolha do pássaro ou bicho para ser patrono do cordão, geralmente, está ligada à caça ou pesca do animal.

No Mocambo do Arari, o primeiro pássaro a aparecer foi o Jaçanã, em 1952. A brincadeira foi levada por uma família oriunda do município de Maués, no Amazonas, conhecida pelos moradores como “os Messiazada”. Este grupo de trabalhadores, composto apenas por homens, foi para o Mocambo em razão do trabalho no roçado, cultivo e colheita de juta. Ao anoitecer, após longas jornadas diárias de trabalho, os trabalhadores faziam fogueiras para brincar, dançar e cantar o pássaro do seu município de origem (GOMES, 2017; LIMA JÚNIOR, 2019).

Com o retorno desses trabalhadores para Maués, a brincadeira ganhou um novo festeiro: o senhor Milton Almeida. Também trabalhador da juta, decidiu tomar conta do pássaro e continuou a fazer a brincadeira juntamente com a sua irmã, dona Astrogilda Almeida, sendo considerados pelos comunitários como dos donos do Jaçanã. Desde então, o pássaro passou a se apresentar no dia 24 de junho em homenagem a São João sob a luz das fogueiras e lamparinas.

É importante mencionar que nos primeiros anos, a brincadeira do Jaçanã era feita somente por homens, inclusive personagens femininos, como “Dona Maria”. Eles se fantasiavam, usavam máscaras, cantavam e dançavam, movimentando a localidade. Somente no final da década de 60 é que a primeira mulher, a senhora Analice Almeida, assumiu a personagem Dona Maria, com performances no arraial de São João, na comunidade que acabara de ser organizada pela Congregação Mariana (GOMES, 2017; SILVA, LIMA JÚNIOR e MASCARENHAS, 2019).

Em 1977, o pássaro Pavão Misterioso foi fundado por dona Alaíde Bezerra, na comunidade Nova Esperança, como promessa a São João caso ficasse curada de uma



doença. Assim, o pássaro também passou a se apresentar no arraial do padroeiro da comunidade do Mocambo do Arari.

Sob a influência das tradições de seus antepassados, Alaíde Bezerra organizou o cordão de pássaro no entorno do Mocambo do Arari como realização de suas crenças. A fundadora do cordão acredita nos milagres de santos e também na cura pela medicina tradicional amazônica, e nesse sentido é que o Pavão Misterioso é caracterizado como cordão de promessa (GOMES, 2017, p. 72).

Diferente do que ocorreu no Jaçanã, no Pavão Misterioso somente as mulheres brincavam nos festejos do pássaro - senhoras que costuravam, cozinhavam e festejam São João, como pagamento da promessa (LIMA JÚNIOR, 2019).

Em 2004, os pássaros passaram a disputar o título de campeão do Festival Folclórico do Mocambo do Arari, com 45 minutos de apresentação para cada. O Jaçanã, representa o bairro São João e defende as cores vermelho e amarelo; o Pavão Misterioso, azul e branco, e o bairro Nossa Senhora de Lourdes o seu reduto. A escolha desses bairros faz referências às localizações das residências dos donos dos pássaros: Milton Almeida e Alaíde Bezerra, já falecida. Os itens avaliados são, segundo a Associação das Tradições Culturais do Mocambo do Arari (ATRACAMAR):

QUADRO DE ITENS

Nº	DESCRIÇÃO		DESCRIÇÃO
1	Apresentador	11	Rainha da Natureza ou Rainha da Selva
2	Levantador de Toadas	12	Caçador
3	Curandeiro ou Curandeira	13	Cordão
4	Evolução do Pássaro	14	Rei e Rainha
5	Dona Maria ou Fada	15	Toada, Letra e Música
6	Fantasia	16	Coreografia
7	Sereia	17	Amo do Pássaro
8	Porta-Estandarte	18	Organização do Conjunto Folclórico
9	Tuxaua	19	Alegoria
10	Pescador		

Extraído de: ATRACAMAR/Prefeitura de Parintins. Elaborado por: Gabriel Santos, 2019



Organizando resistência

Como dito acima, para fazer a festa dos pássaros há necessidade de solidariedade entre os moradores, tendo em vista a falta de apoio público à festa. De modo geral, as pessoas que organizam a festa têm dificuldades financeiras e de encontrar pessoas para brincar na festa. Segundo narram, os mais jovens preferem os bois bumbás, pois estes têm maior visibilidade na festa, em decorrência da organização das apresentações: os pássaros se apresentam na sexta-feira, dividindo o dia com as quadrilhas “Santa Maria”, “Peti na Roça” e “De Mãos dadas no Arraiá”; enquanto que os bois “Espalha Emoção” e “Touro Branco” dispõem de dois dias – sábado e domingo, com duas horas e meia para cada um. Desse modo, os mais antigos acreditam que a festa dos pássaros não deve durar muitos anos. Para que isso não ocorra, eles se articulam de variadas formas, entre elas, o puxirum.

A presidenta do pássaro Jaçanã, Edneia Reis Almeida, 45 anos, nascida e criada no Mocambo do Arari, brinca na festa desde os 5 anos de idade. Segundo a narradora, “com o passar do tempo, a gente vai tentando fazer outras coisas diferentes, né, pra chamar atenção das pessoas que vem, né. Pra sair um pouco do antigamente”.⁴

As dificuldades que a presidenta encontra se deve ao possível desinteresse do mais jovens e o pouco tempo de ensaio que dispõem: três semanas antes do festival. Além disso, os brincantes ainda se dividem entre os ensaios dos boi-bumbás, quadrilhas e os pássaros. Diante dessa problemática, Edneia Almeida procura encontrar meios de conseguir pessoas para se apresentarem: “eu fico responsável de chamar os brincantes, de casa em casa, na rua. É aquele puxirum porque o pessoal daqui são teso [aguerrido].”⁵

O puxirum, como estratégia social, é comum em comunidades rurais. Segundo Candido (2003)⁶, consiste em articulação dos vizinhos em terminar um trabalho na roça, a partir da convocação do dono do terreno. Esse entendimento é observado por outros estudiosos, como a professora Monica Medeiros (2015) que compreende o puxirum

⁴ Edneia Reis Almeida. Entrevista realizada na agrovila São Joao do Mocambo do Arari, em 2018.

⁵ idem

⁶ Em *Parceiros do Rio Bonito*, Antonio Candido (2003) compreende a articulação social como mutirão.



para outros fins, além do roçado: uma festa, para construir a igreja ou a escola. Nos estudos de Galvão (1972), intitulado “Santos de Visagens”, o antropólogo compreende o trabalho cooperativo como um traço maior de solidariedade.

Ao fim de cada ensaio, que ocorre do Clube *Kacury*, Edneia retribui sucos e bolachas aos brincantes. A alimentação também ocorre após a apresentação no festival: carne de porco, peixes, maionese e frango assado, acompanhada a refeição de refrigerantes. Geralmente, os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho (CANDIDO, 2003).

Na confecção dos figurinos, ficam responsáveis a senhora Analice Almeida e dona Astrogilda Almeida. Segundo Analice, 65 anos, a primeira mulher a brincar como “Dona Maria”, a tarefa é dividida: “cada uma faz sua parte. Quem faz as roupas dos meninos, as calças, porque é muita roupa, né, são trinta. Se não for assim, não sai. Eu quero mesmo doar, ajudar, quero que o pássaro ganhe”.⁷ Tal aspecto que demonstra a solidariedade como mecanismo encontrado para que no momento da apresentação tudo esteja pronto (SILVA, LIMA JÚNIOR e MASCARENHAS, 2019).

Nos últimos anos, os pássaros começaram a apresentar as alegorias como meio de manter a festa interessante aos moradores e visitantes, uma adaptação do que apresentam os bois do Mocambo. Assim, o senhor Estrogildo Silva, 60 anos, artesão do Pavão Misterioso, sai em busca de materiais para a confecção da alegoria: madeira, prego, cipós, plantas, martelo etc. Narra, o senhor Estrogildo, que aprendeu a fazer em Parintins “porque meu pessoal, todos eles faz. Eu passei a ajudar fazendo alegoria porque eu tinha material. Eu tinha tambor. Eu fazia alegoria. Eu fazia enfeite”.⁸

Segundo Estrogildo, somente o apoio dos vizinhos não é fundamental para fazer a festa ser “grande”, como a dos bois. Contudo, a solidariedade dos comunitários faz com que a festa ainda exista e persista. Acostumado a trabalhar em forma de *puxirum*, ele convoca os amigos e vizinhos para finalizar a alegoria para que o Pavão Misterioso não a deixe de apresentar e perca pontos no julgamento: “sempre acontece no último dia do trabalho aquele *puxirum*. A gente procura mais gente pra ajudar a

⁷ Analice Almeida Teixeira. Entrevista realizada na agrovila São Joao do Mocambo do Arari, em 2017.

⁸ Estrogildo Learte da Silva. Entrevista realizada na agrovila São Joao do Mocambo do Arari, em 2018.



terminar o trabalho. O povo do Mocambo é solidário. A gente faz o possível pra agradar todos os visitante”.⁹

A festa dos pássaros envolve múltiplas maneiras de fazer a festa acontecer. Sobre o repertório musical, cabe ao Leomar Nogueira, 37 anos, a organização dos ensaios. Assim como nos bois, o nome da músicas é denominado de toada¹⁰. Leomar é compositor, instrumentista e apresentador do pássaro Jaçanã.¹¹ Segundo o narrador, “o ritmo é toada mesmo, porque quando chegou era tambor. Quando passou pro teclado já mudou um pouco o ritmo. Tem vários estilos. Tem pop dance, valsa e forró. É um estilo meio de forró, também”.¹²

As composições versam sobre temas que se referem à região amazônica, como a paisagem, na qual se destacam os rios, a mata, a fauna e flora, o caboclo, homem mestiço que historicamente contribuiu para a formação da sociedade regional. Mencionam ainda o mundo religioso ao evocarem o santo padroeiro da comunidade, em especial, São João

Diferentemente dos bois bumbás, os cordões de pássaros não possuem grupo ritmo tocando tambores, caixinhas, palminhas e repiques. O teclado é o principal instrumento que sustentam o tempo de apresentação do pássaro na arena do Mocambodromo, pois os instrumentos de som que fazem parte da festa foram se modificando ao longo dos anos. Alguns deles deram vez a outros como meio de modernizar o processo de execução da apresentação, bem como estratégia de resistência devido à perda de interesse por parte dos mais jovens da comunidade.

O teclado apareceu de 1998 pra cá. A gente usava então desde a época que brincava na festa do padroeiro. Nos primeiros anos, a gente ainda chegou a usar o tambor. O tambor não era pra ter saído. Ele dá uma base pro ritmo. O problema aqui é a dificuldade de encontrar pessoas que tem pra tocar. A gente não tem uma demanda boa de jovens. Só mais o pessoal mais velho.¹³

⁹ idem

¹⁰ Toada”, segundo Câmara Cascudo, refere-se ao ato ou efeito de toar. É um recitativo melódico, canto, entoação, ruído, notícia vaga, boato, gosto, tom. É uma cantiga breve, de estrofe e refrão, em quadras, formando um texto curto, com acentuada influência do fado (CASCUDO, 2001).

¹¹ O “levantador de toadas” é o personagem que decanta as músicas que dão ritmo e narram o tema da apresentação do pássaro. Ele exerce grande responsabilidade, uma vez que conduz o espetáculo do início ao fim com sua voz

¹² Leomar Teixeira Nogueira. Entrevista realizada na agrovila São Joao do Mocambo do Arari, em 2018

¹³ Leomar Teixeira Nogueira. Entrevista realizada na agrovila São Joao do Mocambo do Arari, em 2018



Como se pode notar, os instrumentos que sustentavam o ritmo da festa dos pássaros evidenciam as raízes africanas na região, pois, os negros e negras ressignificaram seus traços culturais em perspectivas de resistência às memórias de destruição de suas crenças e valores religiosos, os quais foram transmitidos aos seus descendentes e revividos em movimentos e gestos corporais e som dos batuques.

Compreendo ser importante em chamar atenção para este fato, uma vez que muitas festas amazônicas desconsideram e silenciam a cultura afrodiáspórica frente à uma sobrevalorização dada aos portugueses e indígenas em detrimento à cultura negra na região, ressignificada e reinterpretada por populares na região. Negar os elementos musicais de matriz africana nas festas amazônicas é compactuar com o projeto de colonização que insere as populações negras e indígenas em um campo de subalternidade e invisibilidade. Isto é, cristalizando um padrão eurocêntrico ocidental - uma visão colonialista que procura anular a experiência negra (BRAGA, 2011, p. 158).

Nos diálogos com Leomar Nogueira, inserido na brincadeira desde criança, perspectivas de resistência e solidariedade se articulam no que se refere ao tempo disponível para realizar os ensaios com os demais itens do cordão de pássaros: “eu chamo o outro rapaz e a gente ensaia em casa mesmo. Quando é na semana do festival a gente ensaia com o cordão. Eu não tenho muito tempo pra tá ensaiando ao vivo todos os dias. Foi aí que resolvemos gravar um CD pra poder ensaiar”.¹⁴

As estratégias de enfrentamento à possível desilusão dos moradores são importantes para o dia da apresentação: a sexta-feira do último final de semana de julho. As ruas estão enfeitadas. Os trabalhos de alegoria e confecção de fantasias finalizados. Os visitantes e moradores já estão arrumados dando movimentação à localidade. As barracas de bebidas e comidas compõem o cenário. Os brincantes já organizados, pois o Jaçanã e Pavão Misterioso pedem licença para festa começar!

¹⁴ idem



As luzes acendem. Os fogos anunciam. Os pássaros pedem licença para entrar. A festa começou: o apresentador saúda os jurados, anima os torcedores e demais espectadores. Juntamente com ele, o levantador de toadas, responsável por entoar o repertório durante o tempo de apresentação. Nesse momento, o pássaro entra e começa a dançar e bater as asas, como forma de reverenciar os 04 jurados e o público presente.

Figura 01: a entrada do Pavão Misterioso



Fonte: Josivaldo Bentes Lima Júnior, pesquisa de campo, 2018.

Nas arquibancadas, com as luzes apagadas, estão comunitários e torcedores. No centro do Mocambodromo, os brincantes, todos caracterizados com roupas alusivas ao tema do pássaro. Ao fundo, a igreja de São João Batista do Mocambo do Arari como cenário para os brincantes fazerem sua apresentação, cantando e dançando para o público. Portanto, a brincadeira dos cordões de pássaro no Mocambo do Arari consiste na formação de brincantes enfileirados em grupos, cujos praticantes cantam e dançam um atrás do outro, e o pássaro se apresenta no meio deles, utilizando-se de passos que exploram a arena de apresentação, interagindo com a torcida.

¹⁵ Trecho de uma das músicas mais antigas do Pássaro Jaçanã. É comum na festa dos cordões de pássaros pedir licença para entrar e fazer a brincadeira acontecer (MOURA, 1997; LIMA JÚNIOR)



Durante as apresentações dos cordões de pássaros, chamou atenção a presença expressiva dos mais velhos e das mais velhas na arquibancada, destinada aos torcedores. Muitos preferiram ficar em pé, cantando e dançando. Penso que as brincadeiras de pássaros remetem às experiências daqueles sujeitos sociais enquanto sujeitos históricos, trabalhadores e trabalhadoras que vivem a sua vida como cultura, estabelecendo o marco de saberes e relações com a arte e o espaço público, articulando resistências também no campo da memória.

De modo geral, a temática da apresentação dos pássaros envolve aspectos culturais de religiosidade do catolicismo popular, o cotidiano amazônico. Contudo, a ápice da festa é o auto do pássaro: morte e ressurreição. Os pássaros fazem parte de um cordão que encena a morte e ressurreição do pássaro, o patrono do folguedo: o caçador, para alimentar sua família, mata o pássaro da fazenda, contudo, o pássaro morto é o animal de estimação de “Dona Maria”, filha do dono da fazenda, o “Amo do pássaro”. Este último convoca reúne todos os moradores da fazenda e suas proximidades para saber quem fez tamanha maldade com o bichinho. Ao ser capturado, o caçador apela para os poderes sobrenaturais do curandeiro como forma de se redimir. Após a ressurreição do pássaro, a alegria como conta do lugar para celebrar a vida do animal.

Essa ópera popular é entendida como inconformismo frente à realidade da fome e opressão à que os negros estavam (e ainda continuam) submetidos. O ato de negação a qualquer forma de subordinação e os processos de construção do imaginário negro evidenciam as perspectivas de lutas e resistências por meio da oralidade transmitida a seus descendentes, como forma de sentimento de pertença. Ao mesmo tempo evidencia uma percepção maniqueísta, simbolizada na festa por meio do dualismo entre o bem e o mal, o pássaro e o caçador, pensamentos difundidos pela lógica monoteísta, em especial o cristianismo.

Na festa do Mocambo, o “tripa” é a pessoa que dá vida ao pássaro, simbolizada pelos movimentos do animal, nos quais se dividem entre aparição e o momento em que se revela para a comunidade, ao apresentar um bailado tradicional da brincadeira com passos corridos de um lado para o outro. A figura central do pássaro, o brincante, traz uma carapaça representada por um sombreto - caso do pássaro Jaçanã - tendo no topo superior a ave, cujo símbolo é confeccionado com penas sintéticas, um boneco



manipulável ao qual o brincante dá vida por meio de movimentos manuais como um fantoche, fazendo bater asas ou cumprimentar os apreciadores da brincadeira. A parte inferior do personagem é revestida de calça e camisa em cetim nas cores representativas da agremiação, como se vê na imagem abaixo.

Figura 02: Pássaro Jaçanã e Pássaro Pavão Misterioso sendo conduzidos pelos seus respectivos tripas.



Fonte: Josivaldo Bentes Lima Júnior, pesquisa de campo, 2018.

O “tripa do pássaro”¹⁶ é a personificação da vida eterna do animal. Segundo Loureiro, é “a imagem mítica do homem-pássaro. O pássaro na cabeça do homem ou da mulher no Egito Antigo, onde essa figura simbolizava a alma de um morto partindo, ou a visita de um deus a terra. A alma nativa que não morre, que não pode ser morta? Uma espécie de fênix tropical da alma de uma cultura?” (LOUREIRO, 2001, p. 321).

Uma das personagens mais antigas na festa é “Dona Maria” entra em cena. Dona Maria tem o papel de demonstrar amor e carinho com seu animal de estimação durante a dança. O figurino é composto de saia colorida e com flores representando o contexto do campo no qual a história se passa. Como é possível observar na imagem abaixo, a beleza, o cuidado e envolvimento com o momento da apresentação ficam

¹⁶ Em Belém é conhecido por Porta-Pássaro (PAES LOUREIRO, 2001).



evidentes. A altivez de uma cidadania, cultura amadurecida em trabalhos que por vezes atravessam o período de uma vida inteira, e que ainda competem hoje com a velocidade de produtos poderosos do mercado de entretenimento, como o celular/*internet*.

Figura 03: Dona Maria e o pássaro Jaçanã no Festival Folclórico do Mocambo.



Fonte: Josivaldo Bentes Lima Júnior, pesquisa de campo, 2018

Em seguida, mais outras personagens se apresentam para a apreciação dos jurados. Importante mencionar que a participação cada vez mais efetiva das mulheres ocorreu quando o Clube de Mães Coração de Maria, no final da década de 80, assumiu a organização da festa, pois o senhor Milton Almeida estava em tratamento para recuperação da saúde, na cidade de Manaus. E com o festival, outras mais puderam se apresentar na festa dos pássaros, inspiradas pelo boi-bumbá de Parintins, com destaque para quatro personagens femininas, interpretadas por meminas da própria comunidade.



Figura 04 : Personagens femininas do Cordão de Pássaro Jaçanã.



Fonte: Josivaldo Bentes Lima Júnior, pesquisa de campo, 2018.

Adaptadas do boi-bumbá¹⁷, temos a “Rainha da Natureza” que representa defesa da floresta amazônica; a “Porta Estandarte” que defende força dos brincantes e torcedores, simbolizada pelo respeito na condução do pavilhão que tem as cores do pássaro. A “Rainha do Pássaro”, de vestido e coroa, representa a cultura europeia cristã, personagem que dança em casal, acompanhada do rei. E por fim, a “Sereia”, personagem que simboliza o universo das encantarias do imaginário amazônico, ainda muito presentes em regiões ribeirinhas. Isto é, constata-se múltiplas formas de resistirem à ascensão dos bois, secundarização que pode levar ao fim a festa dos pássaros.

O momento mais esperado da apresentação chega. O caçador matou o bichinho. Desesperado ao ver o seu pássaro morto, o amo recorre ao tuxaua para descobrir o traidor. O caçador, ao ser defrontado com o amo, justifica que foi por engano e resolve buscar ajuda para ressuscitar o pássaro.

¹⁷ A influência do boi-bumbá na festa dos pássaros é uma estratégia de resistir ao possível desinteresse dos mais jovens da comunidade, tendo em vista que muitos deles preferem participar dos bois locais.



Figura 05 : Tuxaua apresenta ao amo, o caçador que matou seu pássaro mais querido.



Fonte: Josivaldo Bentes Lima Júnior, pesquisa de campo, 2018.

Ao centro, de joelhos, está o caçador, personagem que usa a vestimenta do exército brasileiro. Justifica-se essa referência a dimensões hierárquicas do poder ao fato de que “os caçadores da região pedem farda de algum amigo ou familiar que vai para exército para usarem na caça e na roça, uma vez que a roupa é grossa e camuflada. Dessa forma, esse figurino passou a ser usado por essa personagem.

De vestimenta branca com fitas juninas está o amo do pássaro. Na história do pássaro, ele representa o dono do animal. Em pé, com vestimenta típica indígena, está o tuxaua: os chefes tribais. No contexto da festa, é responsável pela captura e apresentação do caçador malvado que matou o pássaro. Na imagem é possível ver ainda a presença das tribos indígenas que somam forças ao tuxaua para desvendar o mistério da morte. Ao fundo, notam-se torcedores e espectadores do pássaro. Nesse momento, ao simbolizar a morte do animal pelo caçador, o cordão se deita ao chão.



Figura 06: Encenação do auto do pássaro Pavão Misterioso com a participação da fada.



Fonte: Josivaldo Bentes Lima Júnior, pesquisa de campo, 2018.

Nesse contexto de ressurreição, destaca-se a presença da fada. Na fotografia, vê-se a presença da fada do cordão do pássaro Pavão Misterioso. Ela é uma personagem encantada, cujos poderes são simbolizados pela varinha de condão. Essa personagem é comum nos cordões de pássaros do Pará, em contraste à feiticeira (MOURA, 1997). Contudo, não identiquei esta última nos pássaros do Mocambo do Arari.

No contexto do pássaro, tal personagem sugere a existência de um método capaz de fazer o milagre da ressurreição. Essa ideia propõe os valores morais de civilidade que verificamos nas crianças e que, muitas vezes, são inexistentes para os adultos. Na história do pássaro, no entanto, dimensões desse “milagre” não acontecem. Tudo isso, eventualmente, narrado pelo apresentador da festa de cordão de pássaro.

Como último recurso para alcançar a ressurreição do pássaro, o curandeiro é convocado. Essa representação é encenada com uma toada específica, como podemos constatar na canção do Pavão Misterioso, preservada pelo senhor Leomar Nogueira.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

*Chamamos o pajé para curar o pavão/
Caçador deu um tiro/
E atingiu o coração/
Venha já pajé/
Faça bem a sua mistura/
Pra viver o pavão/
Que é nossa estimação.
Venha já pajé/
Faça bem a sua mistura/
Pra viver o pavão/
Que é nossa estimação.*

A narrativa destacada na toada, reforçada na figura abaixo, demonstra que a ressurreição do pássaro tem ligação direta com o pajé curandeiro. É ele que devolve a vida ao pássaro, pois tem poderes sobrenaturais. Grande conhecedor das ervas na Amazônia, a sabedoria dos curandeiros é exaltada na festa..

Figura 07: O curandeiro reza para ressuscitar o pássaro Jaçanã.





Na narrativa dos cordões de pássaros, o pajé faz uma mistura, acende o cigarro tauari¹⁸ e bebe a cachaça fazendo o pássaro reviver, acende lá uma banquinha, benze com uma pedra que é de sapo cururu, jacururu. O animal levanta e faz barulho característico do pássaro. O momento da ressurreição tem aspecto cômico, evidenciado pelas palavras usadas pelo curandeiro: *eu te curo passarinho, com coxa de arraia, perna de cobra, pele de visagem, costela de vento*. Eventualmente também o humor carrega aspectos críticos.

Bakhtin (1987) dedica uma parte de sua obra para tratar do riso em Rabelais por meio da teoria crítica do carnaval, entendendo-o como cultura popular na Idade Média e do Renascimento, entre outros aspectos, na qual havia a subversão ao riso controlado. Nesse sentido, o autor comenta que o riso na Idade Média visa o mesmo objeto que a seriedade. Não somente não faz nenhuma exceção ao estrato superior, mas ao contrário, dirige-se principalmente contra ele. Além disso, ele não é dirigido contra um caso particular ou uma parte, mas contra o todo, o universal, o total. Constrói seu próprio mundo contra a Igreja Oficial, seu estado contra o Estado Oficial (BAKHTIN, 1987, p. 76).

Assim, o caráter festivo seria uma forma de liberdade, como resposta à cultura oficial e à seriedade da sociedade medieval, pois “tudo que era temível, torna-se cômico” (BAKHTIN, 1987, p. 79). Dessa forma, a figura cômica acentuada pelo curandeiro na festa do Mocambo pode ser entendida como uma maneira de sair do cotidiano religioso.

Todos fazem parte da encenação que lamenta a morte do pássaro e espera sua ressurreição, o que remete à crença cristã quanto à ressurreição de Cristo. É fato que esse simbolismo representa a esperança de vida melhor, com mais oportunidades, com mais justiça e igualdade social.

É importante ressaltar que as formas de expressão do curandeirismo no ritual de ressurreição do pássaro propõem ressignificar as antigas e atuais práticas de fé e cura dos moradores do Mocambo. O curandeiro ou curandeira tem uma grande importância na festa, pois constrói a identidade do espaço social e aponta para diferentes modos de

¹⁸ O “tauari” é o cigarro usado pelos xamãs e pelos umbandistas na hora do atendimento que leva ao encontro aos seres encantados, caboclos e guias, na medida em que a planta altera a normalidade das coisas (LIMA JÚNIOR, 2019)



se pensar a sociedade em meios às disputas pelo espaço simbólico tanto territorial como político e religioso.

Expressões da pajelança fazem parte do dia a dia de comunidades rurais da Amazônia. Mesmo com o histórico de perseguição institucional e eclesiástico, práticas de religiosas de cura estão presentes nas experiências cotidianas dos moradores do Mocambo do Arari, com destaque para os mais velhos e mais velhas da comunidade: Nadir Caldeira, Estrogilda Almeida, Neuza Rodrigues, João Monteiro e outros que permanecem nas lembranças, como o já falecido Mundinho Cativo.

Segundo Maués e Villacorta (2011), a pajelança constitui práticas de xamanismo por meio da incorporação pelos pajés, em transe por entidades – os caruanas ou encantados – ocupando-se principalmente de curar os doentes. Essa prática de pajelança é denominada pelos autores de “pajelança cabocla” para distinguir da indígena. No entanto, não constatei o uso desse termo para designar esse sistema de práticas da medicina popular na comunidade, mas sim, denominações como curadores, rezadores e benzedeadas.

O teatro dos pássaros pode se modificar de lugar para lugar, porém, de modo geral, conserva-se a mesma didática no que se refere ao simbolismo de morte e ressurreição, no qual o animal é aprisionado e morto pelo caçador e por uma interferência mágica de algum personagem, o pássaro ressuscita de forma espetacular (REFKALEFSKY, 2001).

Por fim, o clima de tristeza que tinha tomado conta da festa chega ao fim quando o curandeiro consegue fazer o *bichinho* ressuscitar, o que faz a alegria dos brincantes e dos torcedores. Essa é, sem dúvida, a apoteose da apresentação. Um sentimento de alegria e saudade fica expressa na face dos brincantes, admiradores da festa e nos fogos que evidenciam isso. O pássaro reviveu, voará por muitos lugares, mas no ano seguinte retornará. A festa dos pássaros no Mocambo do Arari é um discurso político: os brincantes se revelam por meio do lúdico com perspectiva de luta social ao recriarem direitos forjados nos modos de viver e compreender o mundo.



Conclusão

As experiências luta e resistência de sujeitos históricos pela continuidade da festa dos cordões de pássaros, evidenciam questões a serem pensadas sobre o processo de formação da festa, as memórias e perspectivas de resistência de mulheres e homens mais velhas e velhos que vivenciam as dimensões de significados e símbolos por intermédio da festa em sua diversidade cultural, carregados de lutas solitárias e familiares, trocas de valores e tradições.

É por meio da festa que os comunitários tecem suas identidades e compartilham referências próprias. Sendo assim, é possível entender que os cordões de pássaros assumiram características locais, com referência à fauna da região como representação do imaginário caboclo e o cotidiano das classes populares em meio à realidade amazônica na qual estão inseridos: tradições, costumes, transgressões e ressignificações.

Portanto, a festa dos cordões de pássaros tem importância, em especial, para os mais velhos e as mais velhas, o que justificam as perspectivas de resistências de sujeitos sociais por meio da articulação e sentido de fazer as festividades que atraem pessoas e movimentam as pequenas ruas do lugar, possibilitando outras rendas nestes dias e novas experiências sociais: lazer, sociabilidade e protagonismo social.

Os cordões de pássaros são uma fascinante capítulo na história das festas populares na Amazônia, no qual emergem múltiplas identidades, tecidas nas experiências culturais, também como meio de comunicar aos visitantes e espectadores anseios e sonhos, eventualmente, não realizados. A festa de Jaçanã e Pavão Misterioso evidenciam mundanças, adaptações e continuidades, em um processo educativo e de valor social em busca da cidadania cultural, em uma pequena localidade da Amazônia: o Mocambo do Arari.



Referências

- ANTONACCI, M. **História e Pedagogia em “Lógica Oral”**: Hall e “O Espetáculo do Outro”, Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 281-313, Mai. - Ago. 2016.
- AZEVEDO, Amailton Magno. **Samba: um ritmo negro de resistência**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 70, p. 44-58, ago. 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rebelais**. 4º ed. São Paulo: Hicetec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Danças e andanças de negros na Amazônia: por onde anda o filho da Catirina?** In SAMPAIO, Patrícia M. (Org.). **O Fim do silêncio – Presença Negra na Amazônia**. Belém: Açá / CNPq, 2011.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 10ª edição. São Paulo: Editora 34, 2003.
- DUTRA, Raimundinho Nonato de Jesus. **A Revelação Histórica do Folclore Parintinense**. Raimundinho Nonato de Jesus Dutra. – Parintins, AM: Secretaria Municipal de Cultura, Meio Ambiente e Turismo, 2005.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2º ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.
- GOMES, Jessica Dayse Matos. **Mocambos na Amazônia: História e identidade étnico-racial do Arari, Parintins/Amazonas**. / Jessica Dayse Matos Gomes. 150 f.: il. color; 31 cm. **Dissertação** (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas. 2017.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. Belém; Cejup, 2001.
- LIMA JÚNIOR, Josivaldo Bentes. **Cordões de pássaros e os práticos da festa: cultura, memória e resistência no Mocambo do Arari - Parintins (1952-2018)**.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

2019. 194 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

MAGNANI, J. G. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e encantaria na Amazônia**. In: PRANDI, Reginaldo (org.). Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

MEDEIROS, Mônica Xavier de. **“Tudo era um puxirum, era aquela...Era mulher, era homem que ia roçar”**: a cultura do puxirum em comunidades rurais de Vila Amazônia – Parintins (AM) in: Pensar, fazer e ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazona/ Organizadores: Arcângelo da Silva Ferreira...[et. Al.]. – Manaus (AM): UEA Edições, Valer, 2015.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O Teatro que o povo cria: cordão de pássaros, cordão de bichos e pássaros juninos do Pará; da dramaturgia ao espetáculo**. Belém: Secult, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13, 2010.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Revista Projeto História, São Paulo, (15), Abr. 1997.

REFKALEFSKY, Margaret. **Pássaros...bordando sonhos**. Belém: Instituto de Artes do Pará, 2001.

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará: ou, apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994.

SANTOS, Gabriel Augusto Nogueira dos. **Resistência Cultural dos Bumbás e Pássaros no Baixo Amazonas**. Revista Tocantinense De Geografia, v. 9, n. 17, p. 93-114, 2020.

SAUNIER, Tonzinho. Parintins: **Memória dos Acontecimentos Históricos**/ Tonzinho Saunier – Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SILVA, Adan Renê Pereira da Silva; LIMA JÚNIOR, Josivaldo Bentes; MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento. **O Cordão de Pássaros do**



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Mocambo Do Arari: Reflexões Sobre Gênero Por Intermédio Da Cultura Popular. Revista Expressão Católica, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 92-101, dec. 2019.

THOMPSON, E. P. Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido: 30/9/2020. Aceito: 11/12/2020.

Autor

Josivaldo Bentes Lima Júnior- Professor. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Brasil.

E-mail: juninhobentes@hotmail.com

Francisco Geraldo Caldeira de Souza - Licenciado em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Gestão Escolar pela Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: franciscogeraldosouza@gmail.com